

Doutor Manuel da Costa Andrade¹

Do Doutor António Avelãs Nunes começarei por evocar a pessoa de convicções, sob a qual flui, por vezes mais funda, mas sempre irreduzível, uma corrente de afecto, de humanidade, de trato elegante e seguro.

A sua figura emerge — em todos os tempos, em todos os espaços e papéis — como exemplo inexcelável, mesmo dificilmente atingível de rigor, firmeza, frontalidade e fiabilidade. Pelas causas a que adere e pelas convicções que perfilha, expõe-se a todas as intempéries e trava todos os combates. Como se em cada um estivessem em causa as muralhas da cidade.

Felizmente que uma das suas bandeiras mais caras é precisamente a Faculdade de Direito a cujo Conselho Directivo preside, por força de inequívoca legitimidade democrática, a que começa a crescer uma não menos manifesta legitimidade carismática. Uma Faculdade assumida como Instituição, imune ao contágio de todos os particularismos ou interesses. E a que associa a ideia de exigência e de excelência do ensino universitário do Direito, necessariamente alicerçado num alargado horizonte cultural.

Homem de causas e de bandeiras e, por isso, de muitos combates, Avelãs Nunes é, todavia, Homem de uma só arma: a palavra, escrita ou oral, servida por uma retórica consistente e eficaz e por uma lógica sem falhas e particularmente derimente. Uma arma que usa até à própria exaustão, porque incapaz de matar um diálogo, sempre disponível para ensaiar um novo e melhor argumento, numa maiêutica sem fim.

E é assim tanto na prossecução do exigente labor científico como na gestão dos anodinos negócios do quotidiano; tanto na definição dos princípios ou premissas — científicas, éticas, políticas, económicas — como na projecção das consequências; tanto no trato com as *power elites* como no diálogo com os estudantes. E sempre sob uma discreta mas decidida ascese face à demagogia, sobretudo a demagogia das “boas causas”.

¹ Intervenção do Doutor Manuel da Costa Andrade na cerimónia do Doutoramento *Honoris Causa* de Caio Mário da Silva Pereira, Fábio Konder Comparato, Luiz Pinto Ferreira, Galeno Velinho de Lacerda e Vicente Marota Rangel (junho de 1999), por ocasião das Comemorações dos Quinhentos Anos da Chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, cerimónia em que o Doutor Costa Andrade elogiou os novos Doutores e na qual António José Avelãs Nunes foi padrinho do Doutor Fábio Konder Comparato.

Expressivo desta postura quase existencial é o facto de um dos primeiros trabalhos publicados por Avelãs Nunes, ainda jovem Assistente, corresponder a uma polémica directamente travada com o então Prémio Nobel da Economia, Jan Tinbergen.

Como tema da sua vida de investigador, Avelãs Nunes elegeu a Economia Política na diversidade dos seus problemas, e tanto ao nível da elaboração teórica como da investigação aplicada. Um labor persistente, que vem frutificando numa lista de muitas dezenas de títulos que dão corpo a uma obra vastíssima, lograda sem a menor quebra de dignidade científica e, por vias disso, sempre reconduzível a um “sistema” de pensamento conduzido e sustentado *more universitário*.

O que explica o privilégio acordado às grandes questões de enquadramento teórico, metodológico e histórico. Tanto no que concerne à história das relações económicas como no que tange à evolução do pensamento económico. Uma preocupação de que dão conta os estudos sobre *O Significado da Revolução Francesa na História do Capitalismo e Os Sistemas Económicos*. Isto para além das incontáveis referências de interpretação histórica (do sistema capitalista e dos seus fenómenos e vicissitudes mais linearmente reconduzíveis a categorias ideal-típicas).

Do ponto de vista metodológico sobra a rejeição de um asséptico “cientismo” ou das “piruetas matemáticas”, que não resistem à evidência de que também a economia é uma ciência historicamente condicionada e comprometida, uma apologia ou uma denúncia. Na certeza de que também o economista não pode fugir ao desconforto da pergunta *whose side are we on?*

Noutra direcção, Avelãs Nunes envolveu-se abertamente nas áreas problemáticas da teorização económica, tomando partido nas controvérsias maiores do nosso tempo e polarizadas em torno de *topoi* como capitalismo/socialismo, estruturalismo/monetarismo, keynesianismo e “fé no mercado”. Um caminho invariavelmente feito com a vigilância e o cuidado pelos problemas e “custos” reais para as pessoas e os povos. Problemas de emprego/desemprego, de carência e de prestações sociais.

Problemas com a dignidade científica bastante para em nome deles “irritar” e, se necessário, desordenar os mais puros e acabados “sistemas”. Uma postura de que em boa medida serão tributárias as monumentais investigações votadas à realidade brasileira: *O ‘Milagre Brasileiro’ ou o Capitalismo em Questão* e, sobretudo, *Industrialização e Desenvolvimento. A Economia Política do ‘Modelo Brasileiro de Desenvolvimento’*.